

Maurice Leblanc

# O LADRÃO DE CASACA

As primeiras aventuras de Arsène Lupin

Tradução:

André Telles e Rodrigo Lacerda

Apresentação:

Rodrigo Lacerda



ZAHAR

Copyright da tradução © 2016, André Telles e Rodrigo Lacerda

Copyright desta edição © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Eduardo Monteiro, Carolina Sampaio

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Leblanc, Maurice

L486l O ladrão de casaca: as primeiras aventuras de Arsène Lupin/  
Maurice Leblanc; tradução André Telles, Rodrigo Lacerda. –  
1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

(Clássicos Zahar; Bolso de luxo)

Tradução de: Arsène Lupin, gentleman cambrioleur

ISBN 978-85-378-1563-2

I. Ficção francesa. I. Telles, André. II. Lacerda, Rodrigo. III.  
Título. IV. Série.

CDD: 843

CDU: 821.133.I-3

---

16-31288

## I. A DETENÇÃO DE ARSÈNE LUPIN

QUE ESTRANHA VIAGEM! E começara tão bem! De minha parte, nunca fiz qualquer outra que se anunciasse sob auspícios mais favoráveis. O *Provence* era um transatlântico veloz, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A bordo estava reunida a nata da sociedade. Travavam-se relações, combinavam-se programas. Tínhamos a impressão deliciosa de estar isolados do mundo, entregues a nós mesmos, como se numa ilha desconhecida, obrigados, por conseguinte, a nos aproximar uns dos outros.

E nos aproximávamos...

Porventura já pensaram no que há de singular e imprevisto nesse agrupamento de criaturas que ainda na véspera não se conheciam e que, durante alguns dias, entre o céu infinito e o mar imenso, irão partilhar a vida mais íntima, desafiando juntos a fúria do oceano, o apavorante ataque das ondas, a calma insidiosa da água adormecida?

No fundo, é como viver uma espécie de resumo trágico da própria vida, com suas procelas e esplendores, sua monotonia e diversidade, e eis aí, talvez, o motivo de saborearmos com prontidão febril e volúpia ainda mais intensa essa curta

viagem, cujo fim vislumbramos justamente quando está para começar.

De uns anos para cá, no entanto, alguma coisa vem intensificando singularmente as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender daquele mundo de que nos julgávamos libertados. Um laço subsiste, que se desata pouco a pouco, no meio do oceano, e, pouco a pouco, no meio do oceano, volta a se atar. O telégrafo sem fio! Chamadas de outro universo, do qual receberíamos notícias da maneira mais misteriosa possível! A imaginação não conta mais com o recurso de aludir a fios metálicos em cujo bojo desliza a invisível mensagem. O mistério é ainda mais insondável, além de mais poético, e é às asas do vento que somos obrigados a recorrer para explicar esse novo milagre.

Nas primeiras horas, portanto, nos sentimos seguidos, escoltados, até mesmo precedidos por essa voz longínqua que, de tempos em tempos, sussurrava a um de nós algumas palavras da terra firme. Dois amigos falaram comigo. Outros dez, vinte, nos enviaram a todos, através do espaço, seu adeus triste ou risonho.

Pois bem, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, durante uma tarde tempestuosa, o telégrafo nos transmitiu uma mensagem cujo teor era o seguinte:

Arsène Lupin a bordo, primeira classe, louro, ferimento antebraço direito, viaja sozinho, usando o sobrenome R...

Nesse exato instante, um raio violento trovejou no céu escuro. Os impulsos elétricos foram interrompidos. O resto da mensagem não chegou. Do sobrenome atrás do qual Arsène Lupin se escondia, só ficamos sabendo a inicial.

No caso de qualquer outra notícia, não tenho a menor dúvida de que o segredo seria escrupulosamente guardado pelos telegrafistas, bem como pelo comissário de bordo e o comandante. Há fatos, porém, que parecem arrambar a discrição mais rigorosa. No mesmo dia, sem que se atinasse como, a coisa havia ecoado: todos sabíamos que o famoso Arsène Lupin se esgueirava entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O escorregadio saltador cujas proezas os jornais vinham noticiando há meses! O enigmático personagem com quem o velho Ganimard, nosso melhor policial, encetara um duelo até a morte, cujas peripécias se desenrolavam de maneira tão pitoresca! Arsène Lupin, o rocambolesco gentleman que só opera em castelos e salões e que, uma noite, após invadir a residência do barão Schormann, partira de mãos vazias e deixara seu cartão, despedindo-se com elegância: “Arsène Lupin, o ladrão de casaca, voltará quando a mobília for autêntica.” Arsène Lupin, o homem de mil disfarces, sucessivamente motorista, tenor, bookmaker, rapaz de família, adolescente, idoso, representante comercial marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

Imaginem simplesmente o seguinte: Arsène Lupin indo e vindo na moldura relativamente restrita de um transatlân-

tico – o que digo! –, no cantinho da primeira classe onde nos encontrávamos ainda há pouco, naquela sala de jantar, naquele salão, naquele *fumoir*! Arsène Lupin talvez seja esse senhor... ou aquele... meu vizinho de mesa... meu companheiro de camarote...

– E isso ainda vai durar cinco vezes vinte e quatro horas!  
– Miss Nelly Underdown exclamou no dia seguinte. – É uma situação intolerável! Só espero que o prendam.

E dirigindo-se a mim:

– O senhor, que já caiu nas graças do comandante, não saberia de nada, sr. d'Andrézy?

Quem me dera saber alguma coisa para agradar Miss Nelly! Era uma dessas criaturas magníficas que, onde quer que estejam, ocupam imediatamente o primeiro plano. Lindas e ricas, elas ofuscam. Andam com um séquito de fiéis, de entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia encontrar o pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma amiga sua, Lady Jerland, a acompanhava.

Desde o primeiro instante, candidatei-me ao flerte. Contudo, na intimidade rápida da viagem, seu encanto logo me desestabilizou e, quando seus grandes olhos negros encontravam os meus, eu me sentia zozzo demais para um flerte. Ainda assim, era com certa boa vontade que ela recebia meus tributos. Consentia rir de minhas pilhérias e se interessar por minhas histórias. Uma vaga simpatia parecia retribuir o interesse que eu lhe devotava.

Um único rival talvez me inquietasse, um rapaz até que bem-apegoado, cujo humor taciturno ela parecia preferir aos meus modos mais “extrovertidos” de parisiense.

Coincidentemente, ele se encontrava no grupo de admiradores que rodeava Miss Nelly quando ela me interrogou. Estávamos no convés, instalados em confortáveis cadeiras de balanço. O temporal da véspera clareara o céu. Um momento delicioso do dia.

– Nada sei de preciso – respondi –, mas a senhorita julgaria possível emprendermos uma investigação independente, como faria o velho Ganimard, inimigo pessoal de Arsène Lupin?

– Oh, oh! Isso seria ir longe demais!

– Em que sentido? O problema é tão complicado assim?

– Complicadíssimo.

– É que se esquece dos elementos de que dispomos para solucioná-lo.

– E quais são eles?

– Primeiro: Lupin se faz passar pelo sr. R...

– Descrição um tanto vaga.

– Segundo: viaja desacompanhado.

– Se para o senhor tal particularidade é suficiente...

– Terceiro: é louro.

– E daí?

– E daí que basta consultarmos a lista de passageiros e procedermos por eliminação.

Eu tinha essa lista no bolso. Peguei-a e percorri-a.

– Observo de pronto que os passageiros cuja inicial chama nossa atenção limitam-se a treze.

– Só treze?

– Na primeira classe, sim. Desses treze srs. R..., como pode verificar, nove estão acompanhados por esposas, filhos ou criados. Restam quatro indivíduos desacompanhados: o marquês de Raverdan...

– Secretário de embaixada – interveio Miss Nelly –, conheço-o.

– O major Rawson...

– É meu tio – disse alguém.

– O sr. Rivolta...

– Presente! – exclamou alguém entre nós, um italiano cujo rosto sumia debaixo de uma belíssima barba negra.

Miss Nelly caiu na risada.

– O cavalheiro não é exatamente louro.

– Logo – retomei –, somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

– Que é...

– Que é o sr. Rozaine. Alguém conhece o sr. Rozaine?

Calaram-se. Miss Nelly, contudo, interpelando o homem taciturno cuja presença constante a seu lado me atormentava, disse:

– E então, sr. Rozaine, por que não reage?



Os olhos voltaram-se para ele. Era louro.

Lá no fundo, confessemos, senti um pequeno choque. E o silêncio constrangido que se abateu sobre nós indicava estarem os demais presentes sentindo aquela mesma espécie de falta de ar. O que, diga-se de passagem, era um absurdo, pois afinal nada nas maneiras do cavalheiro autorizava qualquer suspeita contra ele.

– Por que não reajo? – ele repetiu. – Ora, simplesmente porque, considerando meu nome, minha condição de passageiro viajando sozinho e a cor do meu cabelo, já procedi a um interrogatório análogo e cheguei a esse mesmo resultado. Logo, sou a favor de que me prendam.

Ao dizer essas palavras, ele adquiriu um ar estranho. Seus lábios, finos como dois traços retos, ficaram ainda mais finos e empalideceram. Vasos de sangue estriaram seus olhos.

Ele estava brincando, sem dúvida. Seja como for, seu semblante e sua atitude nos impressionaram. Candidamente, Miss Nelly perguntou:

– E o ferimento?

– É verdade – ele disse –, falta o ferimento.

Com um gesto nervoso, arregaçou a manga e mostrou o braço. Uma ideia súbita me ocorreu. Meus olhos cruzaram com os de Miss Nelly: ele mostrara o braço esquerdo.

Juro, quando eu estava prestes a fazer essa observação de maneira explícita, um incidente distraiu nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de Miss Nelly, chegou esbaforida.

Estava completamente transtornada. Formamos uma roda à sua volta e só com muito sacrifício ela conseguiu balbuciar:

– Minhas joias, minhas pérolas...! Levaram tudo!

Não, não haviam levado tudo, como viemos a saber na sequência; coisa muito mais curiosa: haviam escolhido!

Da estrela de diamantes, do pingente em cabochões de rubi, dos colares e pulseiras violados haviam retirado não as pedras maiores, e sim as mais delicadas e preciosas, aquelas, a princípio, de maior valor e menor volume. Os engastes jaziam ali, sobre a mesa. Pude vê-los, todos nós os vimos, despojados de suas joias como flores das quais alguém tivesse arrancado as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar o trabalho, fizera-se necessário, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, fizera-se necessário, repito, à luz do dia e num corredor movimentado, arrombar a porta do camarote, encontrar uma pequena bolsa propositalmente escondida no fundo de uma caixa de chapéu, abri-la e escolher!

Um grito em uníssono escapou de todas as bocas. Divulgada a notícia do roubo, a opinião dos passageiros mostrou-se unânime: “Foi Arsène Lupin.” E, de fato, aquele era manifestamente seu método complicado, misterioso, inconcebível... e não obstante lógico, pois, sendo difícil ocultar o volumoso estorvo que teria formado o conjunto das joias, quão menor era o embarço com pequenos itens avulsos, pérolas, esmeraldas e safiras!

Na hora do jantar, deu-se o seguinte: os dois lugares, à direita e à esquerda de Rozaine, permaneceram vazios. À noite, soubemos que ele fora intimado pelo comandante.

Sua prisão, que ninguém mais questionava, foi um verdadeiro alívio. Respirávamos finalmente. Nessa noite, nos divertimos com jogos pueris. Dançamos. Miss Nelly, sobretudo, demonstrou uma alegria esfuziante, fazendo-me ver que, se no início apreciara a corte de Rozaine, nem se lembrava mais dela. Sua graça terminou de me conquistar. Por volta da meia-noite, sob a claridade tranquila do luar, declarei-me com uma emoção que não pareceu desagradá-la.

No dia seguinte, contudo, para espanto geral, soubemos que, verificando-se infundadas as acusações contra ele, Rozaine estava livre.

Filho de um negociante proeminente de Bordeaux, seus documentos estavam rigorosamente em ordem. Além disso, não foi constatada qualquer marca de ferimento em seus braços.

– Documentos! Certidões de nascimento! – exclamaram os inimigos de Rozaine. – Ora, Arsène Lupin lhes dará quantos os senhores quiserem! No tocante ao ferimento, ou não o tinha... ou apagou sua marca!

Objetavam-lhes que, no momento do furto, Rozaine – isso tinha sido provado – passeava no convés. Ao que retrucavam:

– Desde quando um homem da têmpera de Arsène Lupin precisa estar presente na hora do roubo?

Entretanto, pairando acima de todas as considerações vulgares, havia um ponto que nem os mais céticos eram capazes de refutar. Quem, exceto Rozaine, viajava só, era louro e tinha o sobrenome começando por R? Para quem o telegrama apontava, senão para Rozaine?

Quando, poucos minutos antes do almoço, ele veio audaciosamente em direção ao nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland se levantaram e mantiveram distância.

Era medo, pura e simplesmente.

Uma hora mais tarde, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre funcionários de bordo, marujos e passageiros de todas as classes: o sr. Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin, ou descobrisse quem estava de posse das pedras subtraídas.

– Se não aparecer ninguém para me ajudar contra esse bandido – declarou Rozaine ao comandante –, resolverei o assunto por minha conta.

Rozaine contra Arsène Lupin ou, segundo o gracejo que correu, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin, luta que não deixava de ser interessante!

Ela se prolongou por dois dias.

Rozaine foi visto em todos os cantos, misturando-se à tripulação, interrogando, fuçando. Sua sombra foi percebida, à noite, espreitando.

O comandante, de sua parte, empenhou-se no limite de suas energias. De alto a baixo, em todos os cantos, o *Provence* foi esquadrihado. Todos os camarotes, sem exceção, foram revistados, sob o argumento afinal pertinente de que os objetos estavam escondidos em qualquer lugar, menos no camarote do culpado.

– Terminaremos descobrindo alguma coisa, não acha? – pressionava Miss Nelly. – Nem com feitiçaria ele poderá fazer diamantes e pérolas ficarem invisíveis.

– Sim, ele pode – respondi. – Caso contrário, teriam que revistar a copa de nossos chapéus, o forro de nossos paletós e tudo que carregamos conosco.

Mostrei-lhe minha Kodak, uma 9 × 12 com a qual não me cansava de fotografá-la, nas mais variadas poses:

– Todas as pedras preciosas de Lady Jerland caberiam dentro de uma câmera não maior do que esta, concorda? É só fingir bater umas fotos e aplicar o golpe.

– Mas ouvi dizer que não existe ladrão que não deixe alguma pista para trás.

– Existe um: Arsène Lupin.

– Por quê?

– Por quê? Porque ele não pensa apenas no furto que comete, mas em toda e qualquer circunstância capaz de denunciá-lo.

– O senhor parecia mais confiante no início.

- Mas depois o vi em ação.
- Então, para o senhor...?
- Para mim, estamos perdendo tempo.

De fato, as investigações não davam resultado, ou pelo menos o resultado que davam não correspondia ao esforço geral: o relógio de pulso do comandante foi roubado.

Furioso, este redobrou seu ardor e apertou a vigilância sobre Rozaine, com quem tivera diversas entrevistas. No dia seguinte, ironia encantadora, o relógio foi achado entre os colarinhos postiços do imediato.

Tudo isso tinha ares de prodígio, trazia a marca humorística de Arsène Lupin, ladrão, que seja, mas nem por isso menos diletante. Trabalhava por gosto e vocação, vá lá, mas também para se divertir. Parecia um dramaturgo, entretendo-se com a peça que ele mesmo escreveu e, nos bastidores, rindo a bandeiras despregadas das piadas e situações que imaginou.

Decididamente, era um artista a seu modo e, quando eu observava Rozaine, sombrio e obstinado, e especulava sobre o papel duplo desse curioso personagem, era incapaz de referir-me a ele sem certa admiração.

Ora, na antepenúltima noite, o oficial de plantão ouviu gemidos no recanto mais escuro do convés. Aproximou-se. Havia ali um homem estendido, a cabeça enrolada num cachecol cinza bem grosso, os punhos amarrados com um fino cordão.

Soltaram-no. Levantaram-no, dispensaram-lhe cuidados.